

## Fundamentação ontológica da cosmogonia agostiniana

### Ontological Grounds of the Augustinian Cosmogony

Antonio Pereira Júnior<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa<sup>2</sup>

#### Resumo

A cosmogonia de Santo Agostinho surgiu a partir da exposição dos seus argumentos contra a crítica maniqueia ao relato genesíaco da criação. Ao elaborar sua defesa, Agostinho perpassa por dois grandes problemas que intrigavam o mundo antigo: o tempo e o surgimento do universo. A partir deste estudo foi levantada a seguinte questão: Quais os principais argumentos utilizados por Santo Agostinho para desconstruir a crítica maniqueia ao relato genesíaco da criação? Com o intuito de responder a questão proposta, o presente artigo objetiva expor de maneira sucinta os principais argumentos desenvolvidos por Santo Agostinho contra os maniqueus e que se encontram registrados em seus escritos, especialmente no *Comentário literal ao Gênesis e Contra os Maniqueus*.  
**Palavras-Chave:** Cosmogonia; Tempo; Universo.

#### Abstract

The cosmogony of St. Augustine emerged from the exposure of their arguments against the Manichaeic critical to the story of Genesis creation. When preparing his defense, Augustine permeates two major problems that puzzled the ancient world: the time and the emergence of the universe. From this study the following question was raised: What are the main arguments used by St. Augustine to deconstruct the Manichaeic criticism of the creation account of Genesis? In order to answer the proposed question, this article seeks to explain succinctly the main arguments developed by St. Augustine against the Manichees and which are recorded in his writings, especially in the Commentary to the literal Genesis and Against the Manichaeans.

**Keywords:** Cosmology, Time, Universe.

#### Introdução

As especulações de Santo Agostinho sobre a origem do universo se deram a partir da crítica tecida pelos maniqueus ao livro veterotestamentário do Gênesis, onde se lê: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Atendo-se a esse versículo os seguidores de Mani ironicamente perguntavam: Que princípio era esse? Se Deus fez o céu e a terra em algum princípio o que fazia antes de criá-los?

Diante de tais inquiuições e, com o intuito de rebater a crítica maniqueia, Santo Agostinho perpassará por dois grandes problemas do mundo antigo: a origem do universo e o tempo. A partir do estudo dessa temática foi levantada a seguinte questão: Quais os principais

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPE/UFPB/UFRN, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa. E-mail: [apereirajunior@hotmail.com](mailto:apereirajunior@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor/coordenador da Graduação em Filosofia da UFPE - Brasil. Professor do Programa de Pós-graduação (mestrado e doutorado) em Filosofia da UFPE/UFPB/UFRN. Atual vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Medievais – ABREM. E-mail: [marcosnunescosta@hotmail.com](mailto:marcosnunescosta@hotmail.com)

argumentos utilizados por Santo Agostinho para desconstruir a crítica maniqueia ao relato genesíaco da criação?

Sem embargo, a presente pesquisa inicia sua exposição com a análise agostiniana do termo ‘*princípio*’ encontrado no início do livro do Gênesis. Tal análise torna-se pertinente, tendo em vista que, todos os argumentos apresentados por Agostinho contra os maniqueus partem da validade do pressuposto formado a partir desta análise.

Imbricada a este ‘*princípio*’ encontra-se a teoria agostiniana do tempo que juntamente com o argumento da criação *ex-nihilo* formará o que se convencionou chamar de *Cosmogonia Agostiniana*.

Isto posto, com o intuito de responder a problemática proposta, o presente artigo objetiva expor de maneira sucinta os argumentos desenvolvidos por Santo Agostinho contra os seus antigos companheiros maniqueístas, e que se encontram registrados em seus escritos, especialmente no *Comentário literal ao Gênesis e Sobre o Gênesis, contra os Maniqueus*.

## 1 A criação do tempo

A problemática do tempo em Santo Agostinho começa com sua refutação a pergunta dos maniqueus sobre o que fazia Deus antes da criação. Para responder a esse questionamento, Agostinho inicia a sua exegese com a análise da palavra ‘*princípio*’ encontrada no primeiro versículo do livro bíblico em questão.

Segundo ele, o princípio citado por Moisés refere-se não a uma questão de ordem temporal, mas ao Verbo de Deus citado no prólogo do evangelho de São João<sup>3</sup>, como podemos ler em sua citação do *Sobre o Gênesis, contra os maniqueus*<sup>4</sup>: “Deus fez o céu e a terra no princípio, não no princípio do tempo, mas em Cristo, visto que era verbo junto ao Pai, pelo qual e no qual tudo foi feito” (*De Gen. contra man.* I, 2, 3).

Note que Santo Agostinho ao traduzir a palavra grega λόγος (*logos*) do evangelho de São João opta pelo termo ‘*palavra*’ ou ‘*verbo*’ conforme a tradução latina e assim consegue fazer uma aproximação dos textos do Antigo e do Novo Testamento, haja vista que o vocábulo *logos* encontra-se intimamente ligado ao termo ἀρχή (*arquê*), palavra grega usada para designar ‘*princípio*’, que é encontrada tanto em um texto como no outro<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Cf. Jo 1, 1: Gr.: ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος. (Trad.: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus”).

<sup>4</sup> Obra doravante abreviada por *De Gen. contra man.*

<sup>5</sup> Cf. Gn 1,1: Gr.: ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν. (No princípio, Deus criou os céus e a terra).

Moacyr Novaes complementa:

Essa confiança na palavra humana, radicada no reconhecimento que Deus é palavra, ganha ainda maior dimensão, se lembrarmos que Agostinho julgava que a palavra, o verbo divino, era a verdadeira tradução do *logos* grego. Não podemos desconhecer a significação filosófica dessa opção. Para Agostinho, o *logos*, habitualmente traduzido como razão, poderia ser também traduzido por palavra (NOVAES, 2002, p. 30).

Dessa forma, Santo Agostinho conclui que Moisés ao escrever: ‘no princípio’, se referia ao *Logos* ou o Verbo de Deus, que segundo o texto joanino pode ser compreendido como ‘princípio’ e ao mesmo tempo como o próprio Deus. Com isso, o sentido da palavra grega ‘*arqué*’ assume agora um caráter ontológico e não mais temporal comprometendo assim, todo o argumento maniqueu.

Porém, com o intuito de expor ainda mais a inconsistência do questionamento de seus ex-companheiros do maniqueísmo, Agostinho insiste que, ainda que o princípio referido no Gênesis implicasse temporalidade, tal questionamento continuaria sem sentido, haja vista, que antes da criação não havia tempo, e que este só veio a existir de fato, com a criação do céu e da Terra.

Este argumento, além de responder a crítica maniqueia traz à tona uma nova perspectiva sobre a questão do tempo. Na visão dos maniqueus, assim como para os antigos filósofos gregos, o tempo era cíclico, ou seja, não tinha começo e nem fim e, portanto, era coeterno como o próprio Deus.

Assim, ao afirmar que o tempo não existia antes da criação, Santo Agostinho está indicando, em outras palavras, que o universo foi criado não ‘*no tempo*’, como pensavam os maniqueus, mas ‘*com o tempo*’, de modo que, tanto um como o outro, foram criados por Deus *simultaneamente*, não havendo nenhum tipo de prevalência cronológica deste sobre aquele ou vice-versa.

Dessa forma, Agostinho deduz que, sendo o tempo criatura de Deus, perguntas como: o que fazia Deus *antes* da criação? Não fazem qualquer sentido, pois, termos como ‘antes’ e ‘depois’ não são cabíveis para um tempo em que tempo não existia, tendo em vista que todas essas palavras exigem *per si* a existência do próprio tempo.

Todas essas perquirições leva Agostinho a perguntar-se sobre o que é o tempo, conforme encontramos em suas *Confissões*:

Não houve tempo nenhum em que não fizésseis alguma coisa, pois fazeis o próprio tempo. Nenhum tempo vos são coeternos, porque vós permanecéis imutável, e se os tempos assim permanecessem, já não seria tempos. Que é, pois o tempo? Quem poderá explica-lo clara e brevemente? Quem poderá apreender,

mesmo só com o pensamento, para depois traduzir por palavras o seu conceito? (*Conf. XI, 14, 17*).

A problemática conceitual do tempo em Santo Agostinho tem como lastro a discursão sobre a divisão do tempo que a partir de uma análise pormenorizada de suas fases chegou-se a concepção de um tempo ‘psicológico’. Para o nosso filósofo, as três fases do tempo são o passado, o presente e o futuro, sendo que, “o passado é o tempo que não é mais; o futuro é o tempo que ainda não é; o presente é o tempo que é agora, mas que não será sempre” (MONDIN, 2005, p. 154).

Esta forma de pensar levou Agostinho a refletir sobre a real existência do tempo, especialmente do pretérito e do futuro, pois se o passado já não é, e o futuro ainda não veio; seria então correto afirmar que apenas o presente possui existência de fato? Não. Para o filósofo de Tagaste se o passado não existisse não haveria história, e se o futuro também não existisse como seriam então possíveis as previsões?

Como então resolver esta aporia? A saída para esse problema Agostinho vai encontrar no que modernamente convencionou-se chamar de tempo psicológico.

Para o filósofo de Tagaste, o tempo não existe fora da mente, de modo que é nela que se recorda o passado e se prediz o futuro, ou seja, quando alguém busca na memória algum acontecimento do passado ou projeta na mente alguma imagem do futuro, é no presente que isto é feito, assim tanto o passado quanto o futuro são experimentados pela pessoa no tempo presente. Doutro modo, o que existe na verdade são lembranças presente do passado e visões presentes do futuro.

Esta conclusão das divisões do tempo levará Santo Agostinho a discorrer, nas *Confissões*, sobre as possibilidades de medição do tempo. O que o fará rejeitar as antigas concepções gregas baseadas na ideia de tempo como movimento dos corpos celestes:

Ouvi dizer a um homem instruído que o tempo não é mais que o movimento do Sol, da Lua e dos astros. Não concordei. (...) Há estrelas e luzeiros no céu que servem de sinais, indicam as estações, as horas e o anos. Com certeza, existem. Mas nem eu afirmo que uma volta daquela roda de madeira represente um dia, nem aquele sábio se atreverá a dizer que este giro não representa um determinado tempo. (...) chamamos dia não somente a demora do Sol sobre a Terra, pela qual se diferencia o dia e a noite, mas também ao giro completo que o Sol descreve do oriente ao oriente. (...) Agora não procuro averiguar aquilo que apelidamos dia, mas sim o que seja o tempo (...). Ninguém me diga, por tanto, que o tempo é o movimento dos corpos celestes (*Conf. XI, 23,29*).

Via esta citação, podemos então entrever todo trajeto feito por Santo Agostinho em busca de uma resposta que mais bem satisfizesse o conceito de tempo como unidade pela qual se mede a passagem dos astros pela abóboda celeste.

Tal conceito de tempo encontrava-se intimamente ligado à forte e arraigada concepção geocêntrica do universo, como se percebe na citação anterior ao descrever o movimento do Sol sobre a Terra. Não queremos dizer com isso, que Santo Agostinho tenha inovado ao ponto de teorizar antecipadamente sobre essa temática, definitivamente, não.

Porém, esse conceito grego de tempo, se não influenciou, muito se assemelhava ao conceito judaico-cristão apresentado pelo próprio Agostinho ao aludir sobre o livro de Josué nas Sagradas Escrituras. Agostinho é quem cita: “Quando, com a oração de Josué, o Sol parou, a fim de ele concluir vitoriosamente o combate, o Sol estava parado, mas o tempo caminhava” (*Conf.* XI, 23,29).

Note que nosso filósofo consegue romper com a ideia de tempo relacionada ao movimento dos astros, para ele, o tempo continua transcorrendo independente dos corpos celestes. Porém, ainda assim é possível medir o tempo, logo, o mesmo é provido de extensão, o que o leva a considerar que o tempo nada mais é que *distensão*. Mas distensão de que? Onde o tempo pode ser medido?

Para Santo Agostinho o tempo é uma *distensão da alma* sendo apenas na mente humana onde o mesmo pode ser percebido. Essa nova concepção de tempo vem juntar-se ao argumento do Princípio enquanto Verbo de Deus e reforçar ainda mais a tese de que a questão: o que fazia Deus antes da criação, não encontra em si mesma nenhuma consistência, pois, antes da criação o tempo ainda não existia.

## 2 A criação *ex nihilo*

A outra importante questão abordada nos textos de Santo Agostinho que se mantém entrelaçada a problemática do tempo, diz respeito à criação do universo. Para o filósofo de Tagaste, diferentemente do *Demiurgo*, a inteligência ordenadora do universo citado por Platão, Deus não precisou de nenhum tipo de matéria preexistente e coeterna para criar o universo, Ele criou o universo a partir do *nada*.

Todavia, este 'nada' não deve ser entendido como 'algo' que Deus se utilizou como substrato para que pudesse trazer as coisas à existência. O 'nada' que Agostinho se refere deve ser entendido como o *puro nada ou o mais absoluto não-ser*. Gilson explica: “Assim, sem

qualquer matéria preexistente, Deus quis que as coisas fossem e elas foram; isso é precisamente o que se denomina criar *ex-nihilo*” (GILSON, 2010, p. 358). Com isso, fica entendido que criação *ex-nihilo* significa que Deus criou todas as coisas a partir do nada absoluto, ou seja, sem a utilização de qualquer substrato como matéria-prima.

Um ponto fundamental na cosmogonia agostiniana, diz respeito ao propósito da criação ou simplesmente, porque Deus resolveu criar o universo? Segundo o santo Doutor a resposta para esse problema encontra-se na *vontade* de Deus. Ora, a vontade de Deus é a causa de *todas* as coisas, logo não pode haver uma causa anterior a esta vontade, isto seria na visão de Agostinho, algo impensável, posto que, ela antecede a tudo que foi criado. Com isso, Santo Agostinho responde a questão acima afirmando simplesmente que Deus criou o universo porque Ele quis, pois não há nada superior à Sua vontade.

Etienne Gilson, tomando como base alguns recortes extraídos da *Cidade de Deus*<sup>6</sup> e das *Confissões*<sup>7</sup> procura fazer uma aproximação entre esses textos e a narrativa da criação encontrada no Timeu de Platão e conclui que não convinha que uma obra boa permanecesse ‘perdida’ em meio ao nada. Segue a citação do filósofo francês:

Deus é essencialmente bom; não obstante todas as coisas são boas na medida mesma em que são; eis por que, segundo a narração da *Gênese*, Deus contempla o mundo depois de tê-lo criado e vê que sua obra foi boa, e é também isso que sugere Platão, de forma imagética, ao dizer que Deus ficou pleno de alegria quando concluiu o universo (...) a bondade divina não permitiu que uma boa criação permanecesse no nada (GILSON, 2010, p. 359).

Com isso, por sua vontade, Deus então criou todo o universo. Porém diversamente do que se costuma pensar, para Santo Agostinho, toda a criação foi feita em um único e mesmo instante. Isto não significa que a ideia de criação agostiniana divirja daquela escrita por Moisés no livro do gênesis em que Deus realizou toda a sua obra em seis dias; o que se percebe é uma interpretação bastante própria e original dos textos genesíacos por parte de Santo Agostinho.

Para efeito de causalidade, Agostinho, embora de maneira simultânea, compreende três momentos na criação: O primeiro equivale aquele primeiríssimo instante em que Deus criou os céus e a Terra e que não se encontra inserido nos seis dias da criação; o segundo consiste naquele em que se deu a formação dos seres a partir da criação primeira; e, por fim, o terceiro momento onde aconteceu e continua acontecendo o desenvolvimento das espécies

---

<sup>6</sup> Cf. *De civ. Dei*, XI, 21.

<sup>7</sup> Cf. *Conf.*, XIII, 2, 2.

criadas a partir de uma *força potencial* inculida em todos os seres com vida, que Agostinho vai denominar de *rationes seminales*.

No primeiro momento, Deus cria do nada (*criatio ex-nihilo*), os céus e a Terra, conforme está escrito: “No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn. 1, 1-2). Note que a citação bíblica acima disposta, apresenta-nos um céu e terra bastante diferente do que conhecemos hoje, suas características são bem peculiares, distintas e até de difícil compreensão.

Esta dificuldade de compreensão suscita-nos algumas questões, como: que céus e Terra foram esses criados antes mesmo que se fizessem os dias? Como compreender esta informidade da Terra, bem como as trevas e o abismo que a cobriam? E qual o sentido da sobreposição do Espírito de Deus em relação às águas criadas nesse primeiro momento?

Sobre a primeira questão, estes céus e Terra criados anteriores aos dias e constituídos com características tão sutis é para Santo Agostinho, à mesma matéria informe que servirá de substrato para formação de todos os seres criados (espirituais e corporais) ou mais especificamente, a mesma matéria citada no livro da Sabedoria como podemos verificar: “*não era difícil à vossa mão todo-poderosa, que formou o mundo de matéria informe*” (Sb. 11, 17).

Em continuação, explicando a natureza desta matéria, Agostinho a concebe como desprovida de qualquer tipo de forma ou de cor, uma matéria invisível, imperceptível aos sentidos e incapaz de ser apreendida pela mente humana; uma espécie de ‘quase nada’, ou ainda, alguma coisa situada entre o ser e o não-ser.

Assim ele escreve nas *Confissões*:

Não admira, pois, que esta “terra fosse invisível e informe”. Reduzia-se a uma espécie de abismo profundo onde não entrava luz, por não ter nenhuma forma. Por isso, mandastes que se escrevesse: “As trevas estavam espalhadas sobre o abismo” (...) Não me ensinastes, que antes de formardes e diferenciardes esta matéria informe, nada existia, nem cor, nem figura, nem corpo, nem espírito? Não era, porém, o nada absoluto. Era antes a massa informe sem figura (*Conf. XII, 6, 6*).

Na citação acima, ao explicar a natureza desta misteriosa matéria, o Santo doutor consegue reunir em um único ponto, ou seja, na própria matéria informe, tudo o que ele entende como que sejam partes da *essência* desta mesma matéria.

Assim, além das características já citadas como: sem cor, sem forma, sem corpo, etc. Agostinho dirá que as *trevas* e o *abismo* citado no versículo do gênesis não devem ser entendidos separadamente desta matéria, mas que elas se constituem propriedades abissais da matéria informe.

Por fim, o bispo de Hipona atribui a *água* como a última característica desta substância informe. Porém, esta água não se refere aquele mesmo elemento que encontramos hoje na natureza, mas a um elemento primordial (*umidade*) que dará a maleabilidade à matéria informe permitindo, com isso, a formação de todos os entes.

Resta ainda uma questão: qual o sentido da sobreposição do Espírito de Deus perante as águas haja vista que, esta não se trata do elemento natural segundo conhecemos? Para Santo Agostinho, tal sobreposição não possui nenhum sentido *espacial*, para entender é preciso investigar a própria essencialidade da palavra ‘Espírito’ encontrada na citação.

Segundo o filósofo de Tagaste, o Espírito de Deus significa a própria Vontade de Deus, assim quando se lê: ‘*o Espírito de Deus pairava sobre as águas*’ devemos entender que a Sua Vontade estava sobre a matéria informe (*água*), assim como a vontade de um artesão está sobre a matéria a fim de dar-lhe forma, de modo que toda a criação é fruto da vontade de Deus.

Destarte, em observação a tudo que foi mencionado, somos então levados a considerar que em Santo Agostinho *céus e terra, trevas, abismo e água* são na verdade atributos ou propriedades da matéria formadora do universo e equivalem, portanto, a mesma *matéria informe* pela qual Deus trouxe à existência, todas as coisas sejam: espirituais ou materiais.

Com isso, para Santo Agostinho, ao citar *céus e terra*, o texto genesíaco está se referindo na verdade aos seres incorpóreos (ou espirituais) e aos seres corpóreos (ou materiais) respectivamente. Tal afirmação encontra sua justificativa no livro dos salmos em que o autor cita: “*o céu do céu é do Senhor*” (Sl. 113, 16).

Ora, que céu do céu seria este, pergunta o filósofo, e continua:

Onde está o céu que não vemos, ante o qual todo este que vemos é terra? (...) não obstante, em comparação daquele céu do céu, o céu da nossa terra é terra. Não é, portanto, absurdo dizer que cada um desses dois grandes corpos (o nosso céu e a nossa terra) é terra, se o compararmos àquele céu misterioso que pertence ao Senhor e não aos filhos dos homens (*Conf. XII, 7,7 e 8,8*).

A citação acima, extraída das *Confissões*, de imediato nos leva a inquirir sobre como pode o *céu* da terra ser *terra* e não *céu*? A resposta para essa questão será encontrada se associarmos a primeira terra criada com o substrato utilizado para formação dos seres corpóreos, nesse caso, compreenderiam tanto o céu que vemos como a terra em que pisamos e, esta é sem sombra de dúvidas o que quer dizer Santo Agostinho em sua obra *magna*.

Em suma, entendemos que da mesma matéria informe, abissal e obscura, Deus trouxe *à luz* toda a criação dando-lhes *forma e entendimento*. A matéria antes inapreensível pelos sentidos e pela mente, agora, por sua formação, tornou-se apreensível e, capaz de ser captada e compreendida pelo homem. Este é, para Santo Agostinho, o segundo momento da criação: a *formação* do universo em seis dias.

O último momento da criação de Deus é apresentado por Agostinho como aquele em que no exato instante da formação dos seres vivos a partir da matéria informe, lhes é introduzido uma espécie de força potencial, responsável pelo seu autodesenvolvimento e que garantirá a perpetuação das espécies. Essa força potencial Santo Agostinho denomina de *Razões Seminais*.

As razões seminais são necessárias porque na cosmogonia agostiniana nem todas as coisas foram formadas em seu estado definitivo, alguns entes vieram à existência de forma incompleta e estão sujeitos a *mudanças* necessitando com isso, passar por certa transformação para alcançarem seu estado acabado, como é o caso da semente, que contém em si toda a árvore ainda que em estado de potência.

Assim, com as Razões Seminais, Santo Agostinho garante que todas as coisas existentes, mesmo aquelas em que não se encontravam em seu estado perfeito no momento em que aquele *'faça-se'* criador foi verbalizado, componham a grande obra de Deus, pois, tudo que foi criado e existe em estado de perfeição, um dia já se encontrou em estado de potência: "Ainda mesmo o que não foi criado e, todavia existe nada tem em si que antes não existisse" (*Conf.*, XI, 4, 6).

## Conclusão

A controvérsia maniqueia sobre o surgimento do universo e suas implicações no contexto bíblico da criação, levaram Santo Agostinho a elaborar uma sólida base de argumentos que servisse como resposta às críticas e questionamentos direcionados ao livro do gênesis, pelos adeptos da antiga seita de Mani. Esses argumentos deram origem à *teoria agostiniana da criação*.

Nesse sentido, seus principais argumentos contra ao maniqueus giraram em torno da questão do 'tempo' e da criação do universo a partir do nada (*criatio ex-nihilo*). Esses dois grandes eixos temáticos serviram como lastro, para a constatação e o evidenciamento de que

toda a criação foi realizada em um único momento e com o tempo, contrariando assim, o pensamento dos seus críticos.

Esta dedução tornou-se fundamental para a desconstrução da tese maniqueia, haja vista, que todos os seus questionamentos partiam da hipótese da existência de um tempo antes mesmo do ato criador de Deus.

Desta forma, os principais questionamentos apresentados pelos seus ex-companheiros de maniqueísmo foram: 1. Se Deus criou o universo em um princípio, que princípio era esse? 2. O que fazia Deus antes da criação? 3. Porque Deus resolveu criar algo que nunca tinha criado antes? 4. Como é que Deus fez o céu e a terra se a terra já era vazia e vaga?

Com efeito, utilizando a sua genialidade e por meio de uma profunda exegese dos textos genesíacos, Agostinho responde que: i. O ‘princípio’ citado no livro de Moisés refere-se, não a uma questão de ordem temporal, mas sim, ao Verbo de Deus citado no evangelho de João; ii. O segundo questionamento não encontra em si nenhuma consistência, já que antes da criação não havia tempo, assim, termos como antes e depois exigem *per si* a existência do próprio tempo; iii. Se se perguntam: por que Deus resolveu criar algo, esta pergunta encontra sua resposta na vontade de Deus, e, por não existir nada superior à esta vontade, então conclui-se que Deus criou o universo, simplesmente porque Ele quis; iv. Por fim, os primeiros céus e terra citados no gênesis não são estes céus e terra que vemos e pisamos, na verdade, eles representam a *matéria informe* criada para que todas as coisas fossem formadas a partir desta mesma matéria, por isso era vaga e vazia.

Portanto, estes foram os principais argumentos levantados por Santo Agostinho no combate a crítica maniqueia. Contudo, os desdobramentos que se dão a partir desta temática (tanto em termos do questionamento maniqueu, quanto de resposta agostiniana) são imensos e acabariam ultrapassando os limites desta pesquisa, caso fossem explorados. Por essa razão, optamos por abordar apenas os pontos percorridos neste breve estudo, deixando o tema em aberto para outro momento oportuno.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. Comentário Literal ao Gênesis. In: **Comentário ao Gênesis**. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-498 (Coleção Patrística, n. 21).

\_\_\_\_\_. Sobre o Gênesis, contra os Maniqueus. In: **Comentário ao Gênesis**. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p. 499-591 (Coleção Patrística, n. 21).

\_\_\_\_\_. **A cidade de Deus:** contra os pagãos. 4. ed. Trad. de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990. Parte II, 589 p. (Coleção Pensamento Humano).

\_\_\_\_\_. **Confissões.** Trad. de J. Oliveira dos Santos. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores).

BÍBLIA. Português. BÍBLIA SAGRADA. Tradução (dos originais) do Centro Bíblico Católico. 47<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ave-Maria, 1985.

\_\_\_\_\_. Grego. BÍBLIA SAGRADA. Disponível em:  
<<http://www.bibliacatolica.com.br/septuaginta/genesis/1/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2013.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** Trad. de Cristiane Negreiros. São Paulo: Paulus, 2007.

MONDIN, Batista. **Curso de filosofia.** Trad. de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1981. v. 1.

NOVAES, Moacyr. Linguagem e verdade nas *Confissões*. In: PALÁCIOS, M. Pelayo (org.) **Tempo e razão:** 1600 anos das *Confissões* de Agostinho, 2002, p. 29-54.